

## ABEL SALAZAR - UM PERCURSO

J. Pinto da Costa \*

*"Entendemos por consciência não a consciência moral,  
mas o ato pelo qual temos consciência"*  
Abel Salazar

Liga-me a Abel Salazar um episódio marcante. Nos anos 70, aquando da criação do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS), o Prof. Nuno Grande, um dos mais diletos fundadores e mais preponderante médico e pedagogo do século XX, convidou-me para reger a cátedra de Medicina Legal e Toxicologia Forense na nova instituição, o que originou algumas reticências por eu já ser remunerado como professor na Faculdade de Medicina do Porto. Perante a dificuldade e para aceder ao honroso convite ofereci-me para "dar aulas de graça" pelo que o Ministério não recusou a oferta e aí me mantive nessas circunstâncias durante trinta anos.

Nos anos 80, por proposta do Presidente da Academia Internacional de Medicina Legal e de Medicina Social fui eleito vice-presidente. Ao ler no meu curriculum que era professor do Instituto de Abel Salazar, manifestou surpresa por eu pertencer a uma escola médica que ainda conservava o nome Salazar. Tive que lhe explicar que o meu Salazar era outro e que por sinal era inimigo de outro com o mesmo nome, este sim um político que a revolução de 1974 ostracizara.

É do médico e não do licenciado em direito que atende o presente bosquejo.

Para hoje, viveu pouco tempo em 57 anos preenchidos de emoções, labuta, invejas e amizades. Dos inimigos nem o nome resta, desapareceram na mediocridade do tempo. Dos amigos muitos ficaram também para a história.

De seu nome Abel de Lima Salazar, ficou conhecido como Abel Salazar e muito celebrado em monumentos, ruas, largos e memória de cientistas portugueses e estrangeiros e perpetua-se na investigação científica que corre mundo e desperta inquietações.

Para mim, o sentimento que me inspira a obra de Abel Salazar é ver que aos olhos dele a sua doutrinação era um sacerdócio, a que sacrificava tudo.

- 
- Professor Catedrático da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
  - Professor Catedrático Jubilado do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto
  - Diretor do Centro Médico-Legal

Nos seus escritos fez-nos confidentes das mais acesas amarguras académicas e, não obstante, achava no estudo a virtude da consolação.

Quando, em 1935, foi proibido de frequentar a Faculdade de Medicina, incluindo a biblioteca da Universidade do Porto, não esmoreceu e acomodou-se em casa.

Como não lhe bastasse o consciencioso trabalho prático científico, Abel Salazar projetou-se nas artes, ao ponto de muitos, quando lhes é perguntado quem foi Abel Salazar, responderem: um artista plástico. Em boa verdade sim, mas não só.

Abel Salazar nasceu em Guimarães no Hotel do Toural em 19 de Julho de 1889 e morreu em Lisboa, em 29 de Dezembro de 1946 em casa de uma prima.

Casou-se em 1921 com Zélia Barros, sem descendência, que o acompanhou até à morte.

Iniciou os seus estudos em Medicina, em 1909, na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e em 1915 concluiu o curso, com a tese de licenciatura intitulada "Ensaio de Psicologia Filosófica" classificada com 20 valores.

Em 1918, foi nomeado Professor Catedrático de Histologia e Embriologia na Faculdade de Medicina do Porto e fundou e dirigiu o Instituto de Histologia e Embriologia da mesma Universidade.

Como investigador científico, notabilizou-se com a invenção de um novo método hoje conhecido como método de coloração tano-férrico de Salazar, reconhecido a nível mundial no âmbito das ciências médicas e muito usado para estudo do ovário.

As suas publicações entre 1919 e 1925 e participações em congressos difundiram os seus conhecimentos e alicerçaram o seu prestígio científico que perdura até hoje.

Em 1928, após 10 anos de múltiplas dificuldades, adversidades que lhe entravaram a investigação científica, adoeceu, com depressão, que lhe impôs tratamento médico durante cerca de 4 anos, tendo estado internado na Casa de Saúde de S. João de Deus, em Barcelos, aí permanecendo entre 1928 até 1931.

Quando regressou à Faculdade, em 1931, o seu gabinete fora desconjuntado e a biblioteca integrada no serviço de Anatomia. Com muitas dificuldades, reconstruiu o laboratório, continuando os trabalhos em várias áreas suas preferidas como a Ciência, a Arte e a Filosofia.

Em 1931, iniciou um curso de dois anos na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, baseado nas "Notas da Filosofia da Arte", nas quais estudou os fenómenos artísticos nas suas bases

psicológicas e na sua relação com a história, como ponto de partida para uma abordagem crítica da estética e da história da arte.

Em 1935, foi perseguido politicamente e afastado da cátedra por razões exclusivamente políticas e não científicas. Também nesse mesmo ano foi demitido da cátedra, do laboratório, tendo sido proibido de frequentar a biblioteca e de se ausentar do país devido à influência deletéria da sua ação pedagógica sobre a mocidade universitária (portaria de 5 de Junho de 1935).

A prepotência da ocasião atingiu outros professores que foram expulsos através da mesma portaria como Aurélio Quintanilha, Manuel Rodrigues Silva Lima e Norton de Matos.

A proibição do Ministério da Educação forçou-o a trabalhar fora da Faculdade, em casa, dedicando-se à pintura mural, pintura a óleo de paisagens, retratos, gravuras, ilustração da vida da mulher trabalhadora, mulher parisiense, aguarelas, desenhos, caricaturas, esculturas e cobses cinzelados que podem ser vistos na casa onde viveu durante 30 anos e que hoje é a Casa Museu Abel Salazar pertencente à Universidade do Porto.

Esta casa reúne um notável espólio que permite a revivência da insigne personalidade de quem labutou durante 57 anos no rumo da pesquisa da verdade. Quem a visita, o que seria salutar para mais conhecimento da nossa cultura, pode trazer como recordação uma publicação de vinte trabalhos sobre o Porto e outros lugares.

São de recordar as palavras de Diogo de Macedo insertas na referida publicação (1).

*"As telas que pintou com repetição de motivos em variantes de composição, telas de grande intensidade no delineamento dinâmico e por vezes de lirismos singelos – as notas de elegância que também esboçou, eram virtuosismos secundários – telas de expressão dramática com mingua de acrobacias cromáticas, são em bloco, não um hino à vida como as da maioria dos pintores, mas tão-somente um queixume de descontentamento e de condenação por certos labores brutais no ser humano, sobrecargas de um martírio que a sua bondade desejava redimir, mas só daquele modo poderia ajudar a solucionar, documentando-o. Ao mesmo tempo o artista comprazia-se pela volúpia do desenho em desenvolver aqueles jogos de volumes na escuridão nas claridades. O prazer estético-plástico acompanhava-lhe o de ternura e acusações. Por esse deleite egoísta de artista e pelas intenções na escolha dos temas, prova-se que, apesar do desgosto obtido, nenhum artista desejou ser mais pintor da glória da vida em atividades, porque nenhum como ele foi tão humano de sentimentos fraternais, tão consciencioso e contente nessa dedicação coletiva".*

Depois da eloquência de Nuno Grande, o pai e mentor do ICBAS, no qual concentrou as melhores energias trazidas de

Luanda, o que eu disser de Abel Salazar, é redundante e míope. O Prof. Nuno Grande disse tudo aquando dos 50 anos do falecimento de Abel Salazar (2):

*"Abel Salazar foi, porventura, a personalidade mais plurifacetada da cultura portuguesa. De facto, na investigação científica como na pintura, na escultura como na gravura, no cinzelado como na literatura, se exprime um espírito original, imaginativo e rigoroso, como não há paralelo na história cultural portuguesa. Verdadeiro homem da Renascença, associou uma sensibilidade apurada e um sentido crítico arguto a uma necessidade imperiosa de busca de novas referências, que deram a dimensão da obra gigantesca que nos legou. Não é possível relacionar essa obra com qualquer escola científica, artística, filosófica ou ideológica, porque Abel Salazar não cabia em chavetas sistematizantes, dizendo de si próprio que poderia ser classificado como anarquista científico. Inovador em todas as manifestações de um espírito inquieto, foi-o também como pedagogo, o que acabou por se tornar uma característica utilizada pelo Conselho Escolar para o afastar do convívio com os alunos e com a Faculdade. Foi acusado de estar mentalmente perturbado, pois punha alunos a dar aulas teóricas, facto cujo ineditismo para a época revela a preocupação de estimular os mais dotados para a docência. Procurava despertar e orientar o inconformismo natural dos jovens, ensinando-os a pôr questões e a equacionar processos de procura de resposta a essas questões. Por isso criticava o "urso", aluno que estudava apenas para obter boas classificações numa postura passiva em face do saber oficial. Abel Salazar manteve o laboratório aberto durante o dia e a noite, de modo a que os alunos pudessem ter acesso, se o quisessem, a todos os meios de aprendizagem, não tendo cedido às pressões dos que pretendiam ser esta atitude perigosa para o património da Faculdade. Assim distinguia os alunos com maior capacidade para programar os tempos de trabalho. A esses estimulava a autoaprendizagem e a participação em programas de pesquisa laboratorial. A avaliação dessa aprendizagem incluía não só a valorização dos conhecimentos adquiridos, como também a capacidade de observação, o método descritivo, o sentido analógico e a capacidade interpretativa. Estas características não vinham nos livros ou nas "sebentas" mas permitiram distinguir alguns dos que mais tarde foram seus colaboradores e seguidores. Não fora a injustiça e a prepotência que o impediram de continuar a exercer a docência e estavam criadas as condições para se ter constituído uma verdadeira Escola de Histologistas no Porto. Abel Salazar foi também um excepcional divulgador, escrevendo nos jornais, de grande e pequena tiragem, artigos de divulgação do conhecimento científico e de opinião cívica que são testemunho das qualidades pedagógicas deste professor que paradigmatisa o verdadeiro Mestre. Recordá-lo nos cinquenta*

*anos da sua morte é um ato salutar para a sociedade portuguesa, cada vez mais carente de referências dignificantes. "*

Em 1941, foi reintegrado na Universidade, como investigador na Faculdade de Farmácia, continuando com a investigação científica e com a atividade artística.

Se pretendêssemos triangular o perfil de Abel Salazar, os lados seriam a questão religiosa, a questão político-social e a questão do cientismo. O seu pensamento é um manancial de interrogação filosófica. As suas reflexões sobre a natureza e limites da ciência e sobre o seu papel social conferiram-lhe um lugar privilegiado entre os cientistas portugueses do século XX.

Apesar da ciência evoluir em cerca de trinta por cento, de cinco em cinco anos, muito do seu pensamento não foi desgastado pelo tempo, mantendo-se atual.

Foi precursor das neurociências enquanto defensor acérrimo duma tendência psicobiológica que localiza no cérebro as funções psíquicas.

*"O córtex cerebral teria duas funções psíquicas autónomas e irreduzíveis, uma delas com formas corticais minimamente diferenciadas, imutáveis durante todo o percurso vital, era responsável pelas forças fornecedoras, isto é, pelas funções psíquicas mais simples, como o tato, a vista, a audição e outra, com formas corticais, muito diferenciadas, seria responsável pelas funções elaboradas ou funções psíquicas mais complexas. À primeira correspondia a esfera da emoção e à segunda a esfera da razão. As funções psíquicas não estavam condicionadas por formas puras e metafísicas mas por formas corticais (3)*

*A ciência é virtualmente, na espécie humana, uma tendência, como as tendências religiosas, metafísicas e artísticas coexistindo todas e todas elas, mutuamente, irreduzíveis (4)*

*A arte não define logicamente o Mistério, povoa-o, o que é diferente, ou, se assim quisermos, define-o artisticamente. A Religião faz o mesmo, enquanto se mantém neste campo, interessa a humanidade; quando porém tenta introduzir o elemento lógico no sistema, começa a catástrofe. Com a metafísica acontece o mesmo, enquanto se mantém no campo da reverie imaginativa, estética, poética, tudo se aguenta; mas então é apenas e somente Arte e não filosofia; quando tenta construir o núcleo conceitual lógico, é a derrocada" (5)*

*"O pensamento e o carácter são funções de corpo inteiro" e é com este e em função deste que o homem pensa, sente e esquece" (6)*

Consciente ou inconscientemente todos somos influenciados por algo ou por alguém. Mais valorada a aprendizagem e a interação com o meio envolvente do que o património genético herdado que apenas ronda uma influência de cerca de trinta por cento. Disto muito se dá conta na estruturação da personalidade de Abel Salazar.

O seu percurso para a filosofia inicia-se com ponto de partida numa psicologia de base biológica, com exclusão de toda a metafísica. Atentou nos problemas da epistemologia e da teoria do conhecimento, baseando-se na história da filosofia e da sua própria investigação experimental.

O percurso de reflexão de Abel Salazar transporta-o da ciência à filosofia, com retorno à ciência, em dialética que julgou necessária a um e a outro ramo do saber.

Acompanhava com intensidade a dupla vitalismo/mecanicismo do pensamento de cientistas como Virchow, e concluiu que impor uma causa para os efeitos, uma causa eficiente, não autoriza a especular sobre a sua causa última, cuja existência ignoramos por completo (7)

No plano político, notabilizou-se pela oposição frontal a António de Oliveira Salazar, seu contemporâneo, professor na Universidade de Direito de Coimbra, com visões do mundo, da sociedade, das ciências, da arte, da filosofia, completamente antagónicas.

Reportando-nos à verdade, que tanto Abel Salazar procurava, não pode olvidar-se a sua faceta médica.

Naqueles tempos, era mas fácil do que hoje ser assistente universitário antes de obter a licenciatura. Assim aconteceu com Abel Salazar, que dois anos antes de terminar o curso, já era assistente da cadeira de Anatomia Patológica.

Neste desempenho, investigou com profundidade a morfologia do corpo humano, com particular incidência sobre o cérebro, o que o estimulou a interrogar-se quanto ao funcionamento do sistema nervoso e a estabelecer as suas leis.

Pesquisou uma explicação integrada e harmoniosa da evolução, natureza e destino do homem em sociedade.

Abel Salazar celebrizou a máxima "*o médico que só sabe medicina nem medicina sabe*" da autoria de um médico filósofo catalão, José de Letamendi (1828-1897) "*del médico que no sabe más que medicina, ten por cierto que ni medicina sabe*", proferida quando o sábio português apenas teria cinco anos de idade.

Não se trata de plágio, porquanto apenas repetiu a frase como aceitação do que o outro dissera. Não lhe cabe a culpa pelo sucedido. Pessoalmente uma interpretação menos atenta dum escritor brilhante, Fernando Pires de Lima, que também era médico.

Como refere Romero Bandeira, onde terá Pires de Lima lido a máxima? Esclarece que *"Em princípio terá sido na obra de outro notável autor espanhol Gregorio Maragnon onde existem referências a Letamendi"* (8).

Perfil de pensador nato, ao esboçar o seu retrato, encontramos traços de influência crítica e meditada da reflexão em alguns contemporâneos e nos clássicos.

O seu pensamento político-social foi apreciado pela influência de Spencer no contexto dos fundamentos da biologia do seu tempo, encimados pelas dúvidas sobre a origem da vida, no campo da psicologia, sociologia, história e política, como transparece na sua lição de abertura ao Curso de Histologia em 1926, na Revista *Gérmén*, em 1935 e na *Hematologia*, em 1944.

Acompanhou Spencer no sentido evolucionista, na determinação, na dependência das leis da vida como ingredientes da questão social e política com alguma divergência.

Para ele, a noção de vida estava estreitamente ligada ao movimento, mas em determinado tipo de movimentos produzidos em certas circunstâncias. Esse tipo era o movimento espontâneo e livre. Vida seria, do ponto de vista psicológico, um movimento livre e espontâneo, racionalmente um movimento indeterminado, um movimento cuja determinação desconhecemos (7).

Relativamente à filosofia de Kant, Abel Salazar é perentório. *"No espírito humano, Kant distingue a sensibilidade, a inteligência e a razão. A sensibilidade, pelas formas de intuição espaço e tempo, recebe a matéria da intuição; a inteligência faz a síntese deste material por intermédio das categorias; a razão, por meio de raciocínios a priori, procura atingir a realidade nouménica, isto é, a realidade absoluta, essencial, a coisa em si. Mas esta tentativa é impossível, porque a razão se perde no meio de paralogismos, de antinomias, de sofismas. Estas antinomias e paralogismos limitam assim o campo de ação possível da razão; fecham-na num campo restrito, fora do qual, pela força própria das coisas, ela não pode sair: ora o noumeno está fora deste campo, e assim, a razão tem de abdicar perante ele para sempre. Esta é a parte sólida e fecunda da filosofia kantiana; não foi jamais seriamente rebatida e muita coisa nela, se excetuarmos a interpretação dada ao espaço e ao tempo, se mantém ainda hoje. (...) O Kantismo teve duas consequências divergentes. A parte propriamente criticista e abdicacionista veio acentuar e reforçar a corrente já definida neste sentido, e, na sequência dela, conduzir ao positivismo; a outra,*

*idealista, teve uma influência contrária. (...) mas enquanto (aquela) é o desenvolvimento lógico do criticismo Kantista no que ele tem de fundamental, (esta) outra parte dum violência feita ao mesmo sistema, que por inteiro quebra o fluxo na sua ligação coerente. Apresenta assim, nitidamente o caráter próprio do fluxo idealista e absolutista no tempo, onde caminha, como veremos, por sobressaltos bruscos, com substituições locais que se sucedem numa linha em constante zig-zag, linha que contrasta com a progressão gradual e harmoniosa da corrente de espírito científico, derivada do criticismo e do abdicacionismo.” (9)*

Seja-me permitido engastar neste lugar, como gema preciosa, um trecho do grande cientista, datada de 1933.

*“Uma teoria científica do conhecimento terá de basear-se ao mesmo tempo nos ensinamentos da evolução histórica do pensamento e na psicologia científica que, no futuro, terá de substituir a antiga metafísica. Quando chegarmos a uma etapa em que uma psicologia com este critério se torne possível, cessará porventura definitivamente a oposição atual entre filosofia e método científico e filosofia e método metafísico: tudo será integrado então adentro do critério científico.” (10)*

A questão de Deus foi um problema para Abel Salazar.

*“Como, porém, o espírito humano possui a natural tendência a corporizar e tornar sensíveis mesmo as abstrações, facto que mesmo se verifica nas matemáticas, sucede que esta génese psicológica se corouo naturalmente pela criação de um símbolo, e de um ente que em si encerra todas as perfeições e a que chamamos Deus. Que portanto se trate do Deus teológico ou do Deus filosófico, sempre ele se reduz quanto à sua génese ao que foi exposto acima, isto é, a um nome ou símbolo que significa a possibilidade da extensão indefinida por persistência da mesma relação, a relação de causa e de efeito.” (11)*

Abel Salazar foi um homem do seu tempo projetado para o futuro, questionando o consciente e o inconsciente.

*“Por um vício de perspectiva interior, o ponto de vista clássico tem dado, quer sob o ponto de vista filosófico, quer histórico e social, uma importância excessiva ao Consciente; assim criou-se um desequilíbrio e uma posição falsa no estudo de muitos problemas e no desenvolvimento de muitas teorias. O desdém habitual pelo Inconsciente, a forma incompleta ou viciada de compreensão desse Inconsciente criou uma visão da filosofia, da história e da sociologia*



*baseada num Consciente hipertrofiado de que resulta um vício geral de perspectiva que necessita de ser retificado.”(12).*

Que Abel Salazar está na sua estátua? Provavelmente um Homem para quem o espírito científico não era mais que o desenvolvimento histórico e aditivo de uma das potencialidades do espírito humano: a razão.

*“Reduzir a esta as demais potencialidades era fazer da ciência, o que não se pode fazer dela, isto é, reduzi-la ao que lhe é biologicamente irredutível” (13).*

Intransigente defensor da razão também o foi da emoção e um inquieto pensador sobre o múltiplo e díspar psiquismo do ser humano.

Eminente cientista advertiu que, para o futuro, talvez houvesse um novo problema social: a transcendência da ciência.

O espírito de Abel Salazar perdura na atualidade como dominante científica, pedagógica, cultural e de inserção social na comunidade da língua portuguesa e no estrangeiro expandido na designação do “Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar”.

No jardim fronteiriço à velha escola médica e ao edifício do Instituto de Medicina Legal que pertenceu à Faculdade de Medicina até 1975, quando passou a pertencer ao Ministério da Justiça, onde estudou e ensinou, permanece para além do tempo na estátua em bronze a sua presença, quase como afirmando, aos vindouros, estou aqui.

Escreveu Salvato Trigo, figura de elevada craveira intelectual, Reitor da Universidade Fernando Pessoa, aquando da inauguração da estátua de Abel Salazar, em 23 de Maio de 2009: *“... um tributo à universidade de que precisamos para ganhar o futuro: aquela em que se aprenda a pensar, a questionar o conhecido, a perscrutar o ainda desconhecido, a segmentar o complexo para o analisar e a reunir as partes para o compreender” (14).*

Abel Salazar filósofo nunca subscreveu a convicção da ideia da ciência como nova religião nem como sinónimo de sabedoria. É assim, que, mediante um ceticismo metódico se interrogou como conciliar a especialização profissional que abraçara com o exercício dos direitos e deveres de cidadão com a realização de uma vida como projeto.

Movimentou-se no centro de um triângulo cujos lados primordiais eram a questão religiosa, a questão político-social e a

questão do cientismo. Procurou resposta para a questão religiosa na morfologia, no seu sentido mais amplo. Pelo estudo multifatorial das formas corticais, histológicas, fisiopatológicas, lógico-sintáticas e histórico-evolutivas e pesquisou uma explicação integrada e harmoniosa da evolução, natureza e destino da pessoa humana e da sociedade.

A questão político-social mereceu-lhe análise dos fundamentos da biologia que na ocasião dependiam da questão da origem da vida e que foi um problema que arrastou durante toda a sua vida.

Na avaliação do perfil de Abel Salazar conta muito a questão político-social impregnada de ciências socio-culturais na sua terra Portugal e na sua então metrópole do pensamento humano que foi Paris. Confrontou-se com duas soluções, a vitalista e a mecanicista, de Spencer, com dependência da questão social e política das leis da vida. Rejeitava a duplicidade do vitalismo e do mecanicismo. Para ele, a noção de vida estava estreitamente relacionada como movimento, especialmente com movimentos produzidos em determinadas circunstâncias. A sua influência confessa extrai-se do seu pensamento.

*"A vida é, psicologicamente, um movimento livre, espontâneo, racionalmente um movimento indeterminado. A vida é um movimento na concessão de Virchow, Hasekel Buchmer, Herzen, Loeb e de Dantec livre e espontâneo quando o racionalizamos porque como disse "A necessidade de estabelecer aos efeitos uma causa, é uma consequência fora da própria estrutura do novo órgão pensante" (15)*

Para a dúvida da necessidade da causalidade, Abel Salazar tem resposta. *"Supor uma causa para os efeitos, não autoriza a especular sobre a sua causa última cuja existência ignoramos por completo" (15)*

À luz da sociologia celular, todo o indivíduo é, ao mesmo tempo, uma sociedade e toda a sociedade é ao mesmo tempo um indivíduo. Indivíduo e sociedade não são mais do que conceitos formais e puramente relativos (16)

Abel Salazar refletiu profundamente sobre o fascismo e o comunismo. Analisou o radicalismo político à luz da biologia celular, recorrendo à sociologia celular e à cultura dos tecidos, pretendendo encontrar resposta para a dicotomia entre o indivíduo e a coletividade como se a célula e o organismo, por um lado, e o indivíduo e a coletividade por outro, fossem respetivamente, da mesma natureza, apenas diferentes em grau e complexidade (17).

Considerava que há uma unidade orgânica entre a sociologia celular e a sociologia humana porque a mecânica da história e da sociedade é biológica, embora cada tipo de organismo tenha as suas leis que devem ser procuradas no estudo do objeto e não pela generalização precipitada do que se observa em outros organismos.

Os sistemas históricos progridem de acordo com a totalização histórica da experiência (18) A própria curva da decadência de um sistema histórico, quando referida ao conjunto das cadeias de sistemas em que se insere, perde o significado de decadência para ser apenas uma fase da mecânica geral do conjunto, um momento sem processo complexo de progresso (18)

Ficou para a história do pensamento contemporâneo a comparação que fez de Hitler e de Maomé e de que na Rússia o comunismo em algumas das suas manifestações se assemelhava ao cristianismo primitivo (19).

A arte portuguesa, a arte universal, recebe de Abel Salazar notável exponência nas experiências vividas e materializadas para o provir.

Ninguém pode reduzir tudo à ciência. Esta não pode dar uma satisfação integral ao homem que é por natureza artista e poeta, nem pode ser um ideal para a humanidade (20).

A sua opção pela arte justifica-a porque para ele só ela é criadora, só ela dá expressão da vida, só ela nos permite aceder e revelar o mistério como mistério e povoá-la de fantasias e caprichos (20)

Como pintor, legou uma vasta obra, em cujos temas se verificam preocupações sociais e que traduz uma posição estética romântica e académica, influenciada por Rembrandt e Daumier.

Dos seus escritos ressaltam muitas dúvidas, algumas contradições e por vezes uma certa instabilidade emocional.

Os traços políticos da sua personalidade são por ele confessados:

*"Direitas e esquerdas, correspondem, na mecânica dos complexos históricos, a um movimento positivo e negativo que é inerente à própria vida, e que assim não está no poder do homem modificar: - é o movimento sinusoidal do coração, do sono e da vigília, a lei rítmica de toda a vida fisiológica; lei que até na natureza nos aparece, desde o ciclo das estações até aos fenómenos coloidais periódicos. (...) Mas entre direita e esquerda há, entre muitas outras, uma diferença que convém focar, pela sua importância de momento. A direita contém em si o passado; a esquerda, contém em si, potencialmente o futuro. A direita trabalha, pois, numa orgânica historicamente já definida, e tendo sofrido a longa*

*elaboração dos séculos, e tendo assim o peso do seu prestígio, a sugestão do hábito, do estabelecido; com uma ideologia perfeitamente modelada, sem perplexidades nem lacunas: - o que tudo dá às direitas uma força, uma coesão e uma coerência orgânica e ideológica que fazem delas uma força imperiosa. A direita chama a si, por outro lado, automaticamente, todos os tipos psico-somáticos que lhe correspondem; e aglutina nela todos os resíduos históricos que boiam ainda no fluxo da história"*

*"A esquerda, sendo potencialmente o futuro, não apresenta nem esta orgânica, nem esta ideologia elaboradas, definidas, historicamente experimentadas e consolidadas. É mais um impulso confuso de ansiedades, de desejos, de visões, de tendências, do que uma fórmula; é uma germinação, uma dinâmica em parte inconsciente, uma população dirigida num sentido ainda não claramente definido, o caos onde germina confusamente a vida definida do futuro. É, em grande parte, o exponencial da reação automática e parcialmente inconsciente, da reação coletiva e anónima contra a acumulação insidiosa e fatal dos males históricos, morais, económicos e sociais; é, por outro lado ainda, o resultado da diferenciação histórica, que produz, como reação inevitável e automática, a tendência confusa, mas potente, para a diferenciação." (21).*

Abel Salazar morreu a pensar, deixando-nos a cogitar com as suas dúvidas, abrigando na arte as suas emoções.

Perdura-lhe o sentido lírico, romântico, estético e sonhador da humanidade, quer o desenvolvimento da personalidade étnica, histórica e estética de cada povo, de cada afinidade populacional e na direção das suas próprias tendências no infinito do mistério. (20)

Um instituto com o seu nome foi fundado como escola de ciências da vida da Universidade do Porto, abarcando a medicina, a medicina veterinária, as ciências do meio aquático, a bioquímica e a bioengenharia.

Está assim cumprido o testamento mental de Abel Salazar do seu desejo de não haver barreira no conhecimento humano.

Quem semeia ventos colhe tempestades. Se não fundamenta, pelo menos explica a rejeição que a sua personalidade provocou nos contemporâneos.

Em consequência deste seu pensamento, em 1933, publica "A Socialização da Ciência", em separata do seminário académico "Liberdade", mais "A Função Social das Universidades", entrando em conflito com os catedráticos de Coimbra, por via da célebre petição que estes dirigiram ao Ministro da Instrução, pedindo aumento de salários e redução de horário, como prerrogativa

natural das suas funções ou classe. Entra em polémica com Costa Brochado.

Um tema publicado nesse ano, no jornal Tripeiro Montanha, rezava a propósito de uma reivindicação de subida de ordenados de alguns professores da Universidade de Coimbra o seguinte: *"uns por necessidade de sobrevivência ou por ambição, tinham alugado o seu talento, tinham-se tornado lacais de gente rica ou da casa civil da realeza capitalista, acoitando-se, parasitariamente, como gavinhas, nas universidades e nas academias, eram os pseudointelectuais, os mercadores do saber; outros proletarizados como rato de laboratório e o cientista, viviam como párias e gente das galés, desdenhados por uma burguesia que desconfiava da sua ociosidade e do investimento perdido que, aparentemente representavam; todavia eram esses intelectuais proletarizados, os autênticos intelectuais (21)*

Adere à Maçonaria, ingressando numa das lojas do Grande Oriente Lusitano ("Lux et Vita", da cidade do Porto). Filia-se militante ativo do Movimento Universitário Democrático durante as eleições em 1945.

Em 29 de Dezembro de 1946, morreu em casa de sua irmã, Dulce Salazar, após doença prolongada (cancro).

Passados dois dias após o desenlace foi o ente querido de tantos e desprestigiado por outros, trasladado para o Cemitério do Prado do Repouso, no Porto.

Homem de esquerda, recebeu de Eduardo Santos Silva, como ele médico republicano que privou com outras figuras proeminentes exiladas em Paris como Aquilino Ribeiro, Amadeu de Sousa Cardoso e Teixeira Lopes, as seguintes palavras durante o funeral no Prado do Repouso, no Porto, dois dias após a sua morte: *" inteligência deslumbradora, tudo abrangendo e tudo compreendendo; sempre numa atitude de firme tolerância que é a única arma capaz de romper os diques que a intolerância opõe à libertação do espírito; alma de generosidade espontânea, dissipando às mãos cheias os primores da Ciência e da Arte para que todos os colham e considerem seu património; Abel Salazar é figura dum transcendente humanismo ultrapassando o tempo e o meio em que viveu"(22).*

É sempre hora de fazer justiça "aqueles que da lei da morte se vão libertando". Foi assim um dos perseguidos pela política de então, nomeadamente através da Faculdade de Medicina do Porto,

e atualmente venerado e consagrado símbolo da Universidade do Porto que não esquece os seus melhores.

### **Referências bibliográficas**

- 1 – Abel Salazar, 20 Trabalhos sobre o Porto e outros lugares, sd
- 2 - Nuno Grande, 1996, Jornal de Noticias, 29.12
- 3 - Abel Salazar, 1915, A diferenciação sistemática dos lobos cerebrais: XII – hipótese anátomo-psicológica sobre o funcionamento do cérebro. Anais da Faculdade de Medicina do Porto, 2, p. 535-538
- 4 – Abel Salazar, 1917, A orientação filosófica da psicologia moderna, Portugal Médico, XIII série, 11º ano, p. 212
- 5 – Abel Salazar, 1930, Razão e Emoção, O Trabalhador, 26.8
- 6 – Abel Salazar, 1936, A psicossomática e a sua importância para o estudo do homem, O Diabo, 25.4
- 7 – Abel Salazar, 1917, A orientação moderna e seu início. Portugal Médico, nº7, p.428
- 8 – Romero Bandeira, 2004, Abel Salazar, um paradigma, Medicina na Beira Interior da Pré-história ao sec. XXI, Cadernos de Cultura, nº 18, p.57
- 9 – Abel Salazar, 1933, A posição atual da ciência da filosofia e da religião, (conferência), p. 14-18
- 10 – Abel Salazar, 1933, A posição atual da ciência, da filosofia e da religião, A Medicina Contemporânea, nº 9
- 11 – Abel Salazar, 1915, A diferenciação sistemática dos lobos cerebrais: XII- Hipotese anatomo psicológica sobre os lobos cerebrais e sobre o funcionamento do cérebro, Anais da Faculdade de Medicina do Porto, p. XII, 53-166
- 12 – Abel Salazar, 1935, A ciência e o mundo atual, Porto, p.29
- 13 – Salvato Trigo, 2011, Abel Salazar, Fundação Eng. António de Almeida, p. 7
- 14 - Abel Salazar, 1917, A orientação moderna e seu início, Portugal Médico, nº 8, p 482
- 15 - Abel Salazar, 1934, Indivíduo e Coletividade, Medicina, nº 4, p 161
- 16 - Abel Salazar, 1934, Indivíduo e Coletividade, Medicina, nº 3, p 118
- 17 - Abel Salazar, 1937, A crise europeia, Sol Nascente, nº 12. p.4
- 18 - Abel Salazar, 1938, A crise europeia, O papel das super estruturas mentais. Sol Nascente, nº 29. P.10-11.
- 19 - Abel Salazar, 1936, Mal entendido, O trabalho, nº 137, p1
- 20 - Abel Salazar, 1936, Mal entendido, "Foz do Guadiana", 16-2
- 21 – Abel Salazar, 1935, Ciência e o Mundo Atual, Imprensa Portuguesa, p. 269
- 22 - Bernardino Machado, 1908, A Universidade de Coimbra, Lisboa, p. 289-290

